

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SOLVEIG NORDLUND - UM PERCURSO SINGULAR
1 e 15 de Julho de 2022**

COMÉDIA INFANTIL / 1998

Um filme de Solveig Nordlund

Realização: Solveig Nordlund / Argumento: Solveig Nordlund e Tommy Karlmark, baseado num romance de Henning Mankell / Direcção de Fotografia: Lisa Hagstrand / Direcção Artística: Peter Bävman / Guarda-Roupa: Mercedes de Bruyn / Música Original: Johan Zachrisson / Som: Tommy Ottebjer / Montagem: Nelly Quettier / Interpretação: Sérgio Titos (Nélio), João Manja (José), Jaime Julio (Bomba), Joaquina Odette (Deolinda), Adelino Branquinho (Senhor Castigo), Mónica Chilave (Senhora Mulwane), Francisco Chilengue (Nascimento), Avelino Manhiça (Mandioca), Lilia Mompilé (Dona Esmeralda), Casimiro Nbusse (Cobra), Lucrécia Paco (Maria), André Ruco (Tristeza) etc.

Produção: Avenida – Prole Filme - Torromfilm / Produtora: Solveig Nordlund / Produtor Executivo: Henrique Espírito Santo / Cópia em 35mm, colorida, falada em português / Duração: 95 minutos / Estreia Comercial em Portugal: King, a 24 de Julho de 1998.

Jovens e marginais foram frequentemente o centro dos filmes de ficção de Solveig Nordlund, ainda que o contexto possa ser bastante variado. Mas nesta sequência de longas ficcionais, dilatada no tempo (**Dina e Django**, de 1981, **Até Amanhã, Mário**, de 1994, e **Comédia Infantil**, de 1998), encontra-se de facto esse traço comum, um olhar sobre a juventude, em diferentes estádios e diferentes circunstâncias. Apesar disto, convém não encerrar Solveig Nordlund numa tipologia temática: a sua obra é versátil e a vários níveis “excêntrica”, e ela própria é uma cineasta bastante imprevisível, que pode passar de uma singular adaptação de J.G. Ballard (**Aparelho Voador a Baixa Altitude**, de 2002, talvez o mais conseguido filme português de ficção científica) a uma leitura de António Lobo Antunes (**A Morte de Carlos Gardel**, de 2011) sem fricção aparente.

Mas, mantendo-nos dentro da sua obra de ficção (e excluindo, portanto, a sua abundante produção documental), **Comédia Infantil** é porventura o seu projecto mais especial. Co-produção com a Suécia, país de onde vieram, como se vê pela ficha acima, muitos contributos técnicos e artísticos e a própria matriz literária que sustentou o argumento, **Comédia Infantil** “passa por cima” de Portugal para ir direito a Moçambique, filmar a ressaca da guerra civil e os efeitos devastadores que ela teve sobre a população e, em especial, as vidas dos mais novos, cedo marcadas indelevelmente pela violência e pela destruição.

Pode-se achar que um filme com este tema chamado **Comédia Infantil** use o seu título com ironia ou sarcasmo. Nalgum grau haverá, mas não deixará de ser ínfimo: a aposta do filme é mesmo por-se ao nível dos olhos do seu pequeno protagonista (Nélio), órfão de guerra, e contar a sua atribulada vida numa mescla de realismo e, justamente, “comédia infantil” (não é por acaso que um dos lugares centrais da acção seja um teatro, que também pode, como se diz numa cena, transformar-se em “cinema sem projector”). A realidade, e as personagens da realidade, transfiguram-se, assumem papéis e representações próximas de figuras arquetípicas do folclore regional, nem por isso assim tão distantes da “universalidade” dos contos de fadas. A “magia” está por todo o lado, e não é exagero dizer que a atitude de Solveig perante a sua história moçambicana é aproximável da atitude de Rossellini quando foi filmar a Índia: a noção de que a “realidade” de um lugar é também o imaginário que ela produz ou produziu, numa coexistência em espiral que não tem fronteiras estanques.

Seguir o périplo de Nélio e dos outros “miúdos da rua” transforma-se assim no contrário do choradinho paternalista que já vimos em tantos projectos de âmbito e objecto semelhantes. De resto, é a força deles, individualmente e em grupo, a espontaneidade sincera e “indomável” que revelam, que domina o filme e Solveig aproveita da melhor maneira – quer dizer, assumindo que essa espontaneidade, ou essa ausência de vício, tem ela própria um poder transfigurador, capaz de encantar, de deixar numa fronteira entre realidade e sonho, situações e personagens (como a bela personagem da miúda albina).

Mas sem que se perca o pé à realidade palpável e material. Apesar do que acima ficou dito, **Comédia Infantil** não é um filme de “fuga” à realidade, é antes um filme que tem a propor um encontro especial com ela. E, das paisagens rurais às ruas da cidade, do que tem as marcas de um quotidiano difícil ou violento ao que é apenas expressão de uma vivência banal (apesar de tudo), esse é um “encontro” que dá bastante prazer seguir.

Luís Miguel Oliveira